

RUBEM
BRAGA

DN 12.3.66

Nós não temos nada com isso

“O Estado de São Paulo” publicou, em dois tablóides, um estudo que mandou fazer sobre os “Aspectos Humanos da Favela Carioca”. Contam-me que o grande jornal paulista teve espírito público bastante para gastar coisa de mil contos com êsse estudo, orientado pelo padre Leuret, com direção técnica de José Artur Rios, coordenação de Carlos Alberto Medina e colaboração de vários pesquisadores.

Li o relatório de comêço a fim e saio dessa leitura com uma espécie de tristeza banhada de remorso; porque a coisa é mesmo triste, e só um inconsciente pode evitar um certo sentimento de culpa em viver nesta cidade, sem nada fazer para extinguir ou minorar essa vergonha social que é a favela carioca.

Vergonha nacional — porque êsses amontoados de barracos se despencando de nossos morros são uma concentração dramática de milhares de choças perdidas pela imensidão do campo brasileiro. É da roça que vem essa gente, e vem, tocada pela miséria, fazer êsse comício mudo e permanente que é a favela do Rio. Esquecemos o homem do campo; abandonamo-lo com sua triste família à ignorância, à doença, à miséria e à exploração dos donos da terra. Então silenciosamente êle vem, e como que traz consigo a sua choupana, e a instala bem alto nos morros da mais bela cidade do Brasil. A favela é apenas a dramatização urbana do grande pecado capital da vida brasileira, que é o abandono do homem da roça.

Contei uma vez a história de uma negra humilde, Sebastiana, que foi minha empregada. Ela veio do interior de Minas e armou um barraco no Morro do Cantagalo. Lembro-me de sua filha, Teresa, de perfil tão lindo, que morreu com 17 anos de uma tuberculose galopante; e do menino magrelo que ela trazia consigo para não deixá-lo sozinho no barraco. Certa manhã ela apareceu desanimada: a noite inteira chovera e ventara tanto que ela não pudera dormir, com mêdo de voar seu teto de zinco; uma enxurrada inundara seu barraco. Contou-me isso, limpou o nariz do moleque, e, antes de ir para a cozinha, ficou um instante a olhar pela janela a chuva que então caía fina, e teve êste comentário conformado: “Isso é bom para a lavoura...”

A pobre Sebastiana não perdera a bondade primitiva de seu coração rural. Não sei se está viva ou morta, que fim terá levado com sua pobreza e seu filho. Lendo as tristezas humanas dêsse relatório, revi mais de uma vez seu vulto encolhido e seu menino descalço e calado

Viajei, mudei-me, vivo minha vida honradamente, NÃO TENHO NADA COM ISSO. E escrevo isto assim em caixa alta para tentar inútilmente me convencer de que eu realmente não sou culpado da morte da mocinha Teresa, não sou responsável pelo destino de Sebastiana e de seu filho. Nem eu, nem meu honrado leitor, nem minha encantadora leitora, oh, gritemos todos bem alto, tão alto que nós mesmos possamos nos convencer de que — NÃO TEMOS NADA COM ISSO.